

# EPISTEMOLOGIA E PESQUISA EDUCACIONAL: A ÁRDUA TAREFA DA ESCOLHA DO MÉTODO

Ruth Aparecida Viana da Silva<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo objetiva apresentar referenciais epistemológicos considerados essenciais para o método elegido em estudos investigativos, em especial para aqueles que tomam a educação como o objeto de pesquisa. Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa. Como aporte teórico foram considerados, Frigotto (2002), Chauí (2000), Demo (1995), Gadotti (1990), Sánchez Gamboa (1998), Tiballi (2016), dentre outros. Ao final este artigo ressalta a importância da compreensão do método no processo de produção do conhecimento científico.

**Palavras-chave:** Pesquisa; Método Científico; Caminho Metodológico.

## EPISTEMOLOGY AND EDUCATIONAL RESEARCH: THE ARDUOUS TASK OF CHOOSING THE METHOD

## Abstract

This study aims to present some of the references studied in the discipline Epistemology and Educational Research as an essential study for the doctoral students about the method chosen for the research object. This is a bibliographical study, with a qualitative approach. As a theoretical contribution, Frigotto (2002), Chauí (2000), Demo (1995), Gadotti (1990), Sánchez Gamboa (1998), Tiballi (2016), among others. The importance of understanding the method in the process of producing scientific knowledge is emphasized.

**Keywords:** Research; Scientific Method; Methodological Way.

## INTRODUÇÃO

*A pesquisa não se reduz a certos procedimentos metodológicos. A pesquisa científica exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o*

---

<sup>1</sup> Mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia, Brasil; Doutoranda em Educação; Professora do Instituto Federal Goiano, Brasil. E-mail > ruthapvianasilva@gmail.com

A trajetória da escolha da temática do artigo partiu do desafio da própria disciplina de *Epistemologia e Pesquisa Educacional*, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Doutorado em Educação, sob a orientação das professoras doutoras Iria Brzezinski e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi: “Tudo o que você escrever irá compor o pensamento educacional brasileiro [...] É o objeto que define o método e não o contrário”. Quando um doutorando ouve estas afirmativas de pesquisadoras experientes, tem a impressão de que elas começam a “martelar” no cérebro até tirar o sono. E ao tomar posse das leituras, seminários e discussões propostas nas aulas, com a licença de um ditado popular, “aí que a porca torceu o rabo”. Afinal, onde estava a dificuldade? O método não se revelava por causa da não clareza do objeto ou o objeto estava “pedindo” uma conversa com outros métodos para se definir?

Nas aulas, as leituras prévias e os debates, de certa forma, clareavam, mas, o alerta das professoras mostrava a confusão mental que pairava nas mentes e nas conversas de corredor: “Cuidado para não se apaixonarem por nenhum dos métodos. Vocês verão, ao final de cada método estudado, que parece que esse é o melhor que ajudará a aprofundar-se na pesquisa”. Novamente, com a licença do uso da sabedoria popular: “E não é que estavam certas?!”. Assim, a opção pelo tema: “Epistemologia e Pesquisa Educacional: a árdua tarefa do objeto na escolha do método”. A partir daí, percorreu-se o caminho metodológico da pesquisa bibliográfica guiado pelos eixos orientadores do referencial teórico das leituras realizadas nas aulas ao longo do semestre e nas orientações.

## **O Método Científico**

Dos primeiros filósofos aos dias atuais, a contribuição dos gregos permeia o processo de investigação e construção do conhecimento científico (*episteme*). No entanto, foi sobretudo com os pré-socráticos, que “[...] essa tentativa de encontrar uma resposta mais elaborada, levou o pensamento humano à busca

de um elemento, no plano físico, que pudesse ser definido como a *arkhé* [...], o princípio primeiro do qual podem ter surgido todas as coisas” (PAIVA, 2017, p. 14).

Em se tratando da fundamentação do método científico, a importância de Aristóteles (384-322 a.C.) no estabelecimento de regras para o pensamento dentro de um espírito científico.

[...] Foi assim que Aristóteles escreveu o conjunto de obras, que posteriormente foi chamado de *Órganon*, no qual expõe os princípios e as regras para o pensamento, compondo, segundo Carvalho (1996), uma única ciência que se manifesta em quatro discursos estruturados, mantendo, contudo, uma unidade. Portanto, se somarmos a dialética aristotélica, como a lógica do provável, e a experimentação, teremos aí o método científico. O exercício aristotélico de organizar as afirmações prováveis, ou hipóteses, bastante conhecido é o silogismo – termo empregado por Platão como um “raciocínio geral” [...] foi adotado por Aristóteles para significar o perfeito raciocínio, isto é, o raciocínio derivado de afirmações dedutivas que levam a uma conclusão lógica (PAIVA, 2017, p. 17).

Dessa estrutura lógica, o método dedutivo se revela e o pesquisador aborda o tema a partir do universal para o particular. Do contrário, se a pesquisa parte de pressupostos particulares, e, após a observação, experimentação, hipóteses testadas e comprovadas, passíveis de serem aplicadas a outros casos, tem-se o método indutivo. De modo geral, no contexto atual, as ciências aplicadas fazem mais uso do método indutivo enquanto, o dedutivo, é mais comum nas áreas humanas e sociais (PAIVA, 2017).

De Platão e Aristóteles, passando por Guilherme de Ockham (1285/90-1347/49), cuja escolha entre duas hipóteses deveria ser pela mais simples, por Popper (1975), por Roger Bacon (1214-1292), Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704), Descartes (1596-1650), dentre outros, pode-se destacar que a questão sobre a participação do sujeito e do objeto na construção do conhecimento é uma constante. Há ainda, como Feyerabend (2011), que defende o “anarquismo científico” e afirma que “[...] a pesquisa bem sucedida não segue padrões universais, mas de um ou de outro, conforme o momento, evitando o que ele chama de ‘tradição’ que acaba comprometendo o resultado” (PAIVA, 2017, p. 25).

## O Caminho Metodológico da Pesquisa Científica

Redundância ou não, parte-se do princípio de que se toda pesquisa científica se realiza dentro de um tempo histórico. No campo educacional, ela necessita acercar-se do objeto de estudo reconhecendo também sua historicidade e as relações estabelecidas no contexto em que ele se encontra inserido. Nesse contexto, sem a epistemologia, os recursos mínimos necessários para uma objetividade no desenvolvimento da pesquisa e na proposição de um conhecimento aproximado do que o objeto é em si mesmo podem ficar comprometidos ou “[...] acabar *amiudando* o trabalho da pesquisa”, aproveitando uma das falas da professora Elianda Tiballi na aula do dia 14 de agosto de 2018.

Dessa forma, faz-se mister o entendimento da epistemologia que irá propiciar ao pesquisador o conhecimento científico acerca do objeto de estudo. Da epistemologia como um pensar-reflexão crítica por sobre a ciência que possibilita a efetividade do conhecimento resultante da interação sujeito-objeto. O conhecimento revela uma visão de uma parte selecionada do real em vista da fidelidade da pesquisa ante as várias abordagens epistemológicas.

Nesse contexto, o progresso e contribuições do objeto de pesquisa dependerá do uso de uma metodologia adequada. Porém, que método escolher? Como definir os aspectos metodológicos da produção científica e a sua articulação com a realidade socio-histórica? O que irá definir a qualidade da pesquisa realizada? Priorizar a objetividade e a historicidade? Partir de onde? Pesquisar pesquisas já existentes? Para afunilar tantas questões, a importância de retomar o objeto com a intenção de adentrar-se em seu universo para compreendê-lo em sua totalidade. Ir além do domínio de técnicas de coleta e análise de dados.

Segundo Silvio Sánchez Gamboa (1998), em seu livro *Epistemologia da Pesquisa em Educação*,

A formação do pesquisador não pode estar restrita ao domínio de algumas técnicas de coleta, registro e tratamento de dados. As técnicas não são suficientes, nem se constituem em si mesmas como instâncias autônomas do conhecimento científico. Estas têm validade como parte, sem dúvida, essencial do método. O método, o caminho do conhecimento é mais abrangente e complexo. Por sua vez, um método é uma teoria de ciência em ação que implica critérios de cientificidade, concepções de objeto e de sujeito, maneiras de

estabelecer essa relação cognitiva e que necessariamente remetem a teorias do conhecimento e a concepções filosóficas do real que dão suporte às diversas abordagens utilizadas nas construções científicas e na produção dos conhecimentos (SÁNCHEZ GAMBOA, 1998, p. 10).

Se a formação do pesquisador precisa “ir além do domínio das técnicas”, Tiballi e Echalar (2016), no livro *Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: contradições e desafios para a transformação social – Volume 1* – no capítulo intitulado “Pesquisa e estudos investigativos na graduação”, organizado pelos professores doutores Aldimar Jacinto Duarte e Elianda Figueiredo Arantes Tiballi, afirmam que

[...] somente pode ser considerado pesquisa aquele estudo cujo resultado promove o acúmulo e faz avançar o conhecimento que se tem sobre determinado tema ou objeto. Reconhecendo que esta afirmação é polêmica, este texto coloca-se ao lado daqueles que defendem um *locus* específico para a pesquisa e para o reconhecimento de seu estatuto epistemológico.

Para argumentar em favor desta premissa são apresentados quatro argumentos mais gerais, com o intuito de caracterizar as condições necessárias a um estudo investigativo com *status* de pesquisa científica.

1 - *Conhecer o campo científico do objeto* que se pretende investigar;

2 - *Estabelecer diálogo com o conhecimento já produzido*, a partir do qual emerge o tema, o objeto e o problema a ser investigado;

3 - *Proceder sistematicamente e metodicamente* em busca da configuração do objeto, seguindo critérios lógicos e coerentes durante o percurso da investigação.

4 - *Apresentar os resultados por meio da interlocução com o conhecimento já disponibilizado pelo campo*, seja refutando o conhecido anteriormente formulado, seja fazendo avançar este conhecimento, seja instaurando um novo conhecimento (TIBALLI; ECHALAR, 2016, p. 28. Grifo das autoras).

As autoras-pesquisadoras, logo no início do capítulo supracitado, chamam a atenção para a efervescência do debate no campo da pesquisa educacional nos anos de 1980. Todavia, a carência de debate sobre o que é produzido, de certa forma, favoreceu o seguinte contraditório:

[...] **É como se existisse o pressuposto de que há um entendimento consensual sobre o que é pesquisa e de que já estivesse definido o lugar desta temática ou desta atividade na estrutura acadêmica da universidade.** Contraditoriamente, **os termos ensino, pesquisa e extensão são muito recorrentes** no discurso educacional brasileiro e **se tornaram tão familiares que nos ilude, permitindo pensar que sabemos o que significam e como**

**devemos proceder** para desenvolver estas atividades (TIBALLI; ECHALAR, 2016, p. 28. Grifo da pesquisadora).

Nesse contexto, se um pesquisador se embrenha pelo mundo da pesquisa, o primeiro desafio é buscar o conhecimento dos fundamentos epistemológicos da investigação científica. A compreensão das categorias filosóficas que tornarão possível a abordagem da produção científica, em um todo lógico constituído em condições históricas específicas, propiciará o delineamento dos referenciais teóricos que poderão ser utilizados na construção do objeto de pesquisa.

Em seu livro *Fundamentos de Metodologia científica*, José Carlos Köche (1985) afirma que

A investigação científica se inicia quando descobre que os conhecimentos existentes, originários quer do senso comum, quer do corpo de conhecimentos existentes na ciência, são insuficientes para explicar os problemas surgidos. O conhecimento prévio que nos lança a um problema pode ser tanto do conhecimento ordinário quanto do científico. Os problemas surgem de um corpo de conhecimento, pois só quem conhece pode se propor problemas (Bungue, 1969, p. 19-20). Ou, como diz Popper, todo problema está “embebido” de teoria (1977, p. 141) (KÖCHE, 1985, p. 17-18).

Pelo olhar científico, a realidade revisitada pelo conhecimento sistematizado, metódico e crítico. Nas palavras de Köche (1985, p. 18), “[...] o homem quer ir além da realidade imediatamente percebida e lançar princípios explicativos que sirvam de base para a organização e classificação que caracteriza o conhecimento”. Porém, não uma simples classificação ou organização do conhecimento, mas a organização e classificação sustentada em princípios explicativos que caracterizam o conhecimento científico (KÖCHE, 1985).

Pela racionalidade e pela objetividade, os ideais do conhecimento científico se desvelam.

O ideal da racionalidade está em atingir uma sistematização coerente dos enunciados, fundamentos em teorias. Procura unir, estabelecer relações entre um e outro enunciado, entre uma e outra lei, entre uma e outra teoria, entre um e outro campo da ciência, de forma tal que se possa ter uma visão global, coerente, consistente internamente, corrigindo ou eliminando as contradições, que existem entre as diferentes explicações (verdade sintática) (KÖCHE, 1985, p. 19).

Pela objetividade, visa-se a construção conceitual de imagens da realidade,

porém, “[...] passíveis de serem submetidas a testes de falseabilidade (verdade semântica)” (KÖCHE, 1985, p. 19).

De posse de um objeto de pesquisa, a objetividade do conhecimento científico exigirá do pesquisador o confronto da teoria com os dados empíricos, ou seja, exigirá a verdade semântica. Isso garantiria a objetividade do conhecimento científico? Segundo Köche (1985),

[...] Por mais que se esforce, o cientista, o investigador, estará sempre sendo influenciado por uma ideologia, por uma visão de mundo, pela sua formação, pelos elementos culturais e a época em que vive. Há uma expectativa que orienta a sua visão de mundo e a busca de explicações. Para minimizar os possíveis erros decorrentes de uma falsa expectativa subjetiva, é que a ciência exige a intersubjetividade, isto é, a possibilidade de a comunidade científica ajuizar consensualmente sobre a investigação, seus resultados e métodos utilizados. A verdade está relacionada com a intersubjetividade (verdade pragmática) (KÖCHE, 1985, p. 20).

Nesse contexto, o método científico auxiliará o pesquisador a produzir o conhecimento científico com um grau de maior confiabilidade, que lhe permitam ir além do senso comum no processo de investigação científica. Permitirá uma retomada constante dos referenciais teóricos que pautam sua pesquisa por meio de um processo sistemático de crítica e autocrítica da própria pesquisa, evitando, assim, que o conhecimento se transforme em conhecimento meramente dogmático.<sup>2</sup>

Segundo Guillermo Fraile, em sua obra *Historia de la Filosofía – Grecia y Roma* (1976),

Toda teoría de la ciencia debe tener presente dos cosas: por una parte, la naturaleza de las realidades sobre que versa, y por otra, la naturaleza, el funcionamiento y el alcance de nuestro instrumental cognoscitivo. [...] A cada clase de realidad le corresponde su propia ciencia, y a cada ciencia su método, variable, que debe acomodarse a la estructura misma de la realidad que trata de conocer. El mejor método en sí mismo puede resultar perfectamente ineficaz y hasta perjudicial y contraproducente si nos empeñamos en aplicarlo a realidades que no le corresponden [...] En unos casos, el método deberá ser inductivo; en otros, deductivo; en unos, experimental, y en otros, racional [...] Aristóteles repite con insistencia que no puede

---

<sup>2</sup> No que se refere ao dogmatismo, é importante ressaltar a distinção do dogmatismo do senso comum do dogmatismo filosófico. Aranha e Martins (2009) afirmam que o dogmatismo do senso comum, “[...] fixa-se na certeza e abdica da dúvida [...]”. Quando esse tipo de dogmatismo atinge a política, assume um caráter ideológico que nega o pluralismo e abre caminho para a doutrina oficial do Estado ou do partido único, com todas as decorrências, como censura e repressão” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 112). Quanto ao dogmatismo filosófico, “[...] não tem o sentido pejorativo atribuído ao dogmatismo sem crítica do senso comum. A filosofia dogmática serve para identificar os filósofos que estão convencidos de que a razão pode alcançar a certeza absoluta” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 112).

exigirse el mismo grado de exactitud en todas las materias científicas (FRAILE, 1976, p. 52-53).

Do supracitado, ressalta-se a importância de considerar o método que o objeto de pesquisa exigirá. Caso contrário, incorre-se no risco de o método acabar prejudicando a pesquisa.

Marilena Chauí, em seu livro *Convite à Filosofia* (2000), lembra que,

A palavra método vem do grego, *methodos*, composta de *meta*: através de, por meio de, e de *hodos*: via, caminho. Usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho através do qual uma certa finalidade ou um certo objetivo é alcançado. No caso do conhecimento, é o caminho ordenado que o pensamento segue por meio de um conjunto de regras e procedimentos racionais, com três finalidades:

1. conduzir à descoberta de uma verdade até então desconhecida;
2. permitir a demonstração e a prova de uma verdade já conhecida;
3. permitir a verificação de conhecimentos para averiguar se são ou não verdadeiros (CHAUÍ, 2000, p. 199).

A importância do método se revela, haja vista o pensamento, além de propor e elaborar teoria, exigir um método que se revela como um instrumento que irá auxiliar o pesquisador a adquirir, filtrar, demonstrar e verificar o conhecimento produzido. Nas palavras de Chauí, a necessidade de um método se revela porque,

[...] o erro, a ilusão, o falso, a mentira rondam o conhecimento, interferem na experiência e no pensamento. Para dar segurança ao conhecimento, o pensamento cria regras e procedimentos que permitam ao sujeito cognoscente aferir e controlar todos os passos que realiza no conhecimento de algum objeto ou conjunto de objetos (CHAUÍ, 2000, p. 199).

Dentre os métodos estudados, um breve destaque para aqueles que se destacam nas pesquisas no campo educacional.

### **A perspectiva Positivista**

Em se tratando de método, o Positivismo é descritivo. Os fatos são compreendidos e possibilitam descobrir as leis que levam a prever esses mesmos fatos. Toda afirmação deve ser sobre a realidade deve ser confrontada com os fatos. Na perspectiva positivista, o objeto é pesquisado em sua realidade concreta, enquanto algo palpável e quantificável, isolado do contexto em que se



encontra a fim de ser observado, analisado e, por fim, descrito.

Paiva (2017) afirma que,

[...] Método Positivo, como substantivo, deveria vir grafado com letras maiúsculas no título e diz respeito ao *ethos* científico pensado pelo filósofo francês Auguste Comte (1798-1857). Mais conhecido como Positivismo, a postura se desenvolveu no intuito de combater o espírito religioso tão caro à Idade Média – e o racionalismo cartesiano o qual dera uma base metodológica ao pensamento moderno fora dos princípios dogmáticos da teologia (PAIVA, 2017, p. 29).

Segundo Pedro Demo, em seu livro *Metodologia Científica em Ciências Sociais* (19...),

O positivista não aceita a distinção entre fenômeno e essência que muitos autores apreciam, no intuito de evitar a simplicidade fácil de acreditar que a superfície observável do fenômeno o possa desvendar. A distinção leva consigo a sugestão de que o observável nunca esgota a totalidade do objeto; pelo contrário, transmite impressão imediata apenas. Esta ótica está adquirindo hoje importância maior, a partir de resultados metodológicos tidos como conquistas significativas (DEMO, 1985, p. 155).

Em que o método positivista poderia contribuir no campo da pesquisa educacional? Para o Positivismo, os fenômenos naturais ou sociais são regulados por uma lei invariável e, assim, o conhecimento científico é o único conhecimento válido. Nesse contexto, a relação pesquisador-objeto ocorre a partir da descrição de elementos externos ao objeto em vista de se manter a neutralidade e a objetividade.

### **A Fenomenologia**

Segundo Chauí (2000), a corrente filosófica conhecida como Fenomenologia surgiu do interesse pela consciência reflexiva ou pelo sujeito do conhecimento e foi iniciada pelo filósofo alemão Edmund Husserl:

[...] criador da fenomenologia (que descreve as estruturas da consciência), que manteve o inatismo, mas com as contribuições trazidas pelo kantismo. Em outras palavras, a fenomenologia considera a razão uma estrutura da consciência (como Kant), mas cujos conteúdos são produzidos por ela mesma, independentemente da experiência (diferentemente do que dissera Kant) (CHAUÍ, 2000, p. 102).

Das palavras de Chauí, um destaque para a compreensão da

fenomenologia acerca da consciência que capta e dá significado ao mundo pelo princípio da intencionalidade, principal conceito da fenomenologia, que apreende a realidade direcionada pela intenção. Tudo que se vê ante a consciência é um dado fenomênico que é dado no aqui e agora do sujeito.

Na fenomenologia, a percepção é denominada *noesis*, que busca um objeto que é percebido; a isso dá-se o nome de *noema*, o percebido. A consciência não é neutra, ela é sempre interessada, tem uma intenção. Na percepção do objeto, o pesquisador, pela intencionalidade, capta uma percepção própria do objeto pesquisado. A investigação parte de problemas da vida cotidiana, ou seja, do fenômeno.

### **O Estruturalismo**

Para Chauí (2000, p. 349), a grande contribuição do Estruturalismo encontra-se no fato de que ele permitiu às Ciências Humanas criar métodos específicos para o estudo de seus objetos. Dessa forma, livrou-as “[...] das explicações mecânicas de causa e efeito, sem que por isso tivessem que abandonar a ideia de lei científica”.

Segundo Chauí,

A concepção estruturalista veio mostrar que os fatos humanos assumem a forma de estruturas, isto é, de sistemas que criam seus próprios elementos, dando a estes, sentidos pela posição e pela função que ocupam no todo. As estruturas são totalidades organizadas segundo princípios internos que lhes são próprios e que comandam seus elementos ou partes, seu modo de funcionamento e suas possibilidades de transformação temporal ou histórica. Nelas, o todo não é a soma das partes, nem um conjunto de relações causais entre elementos isoláveis, mas é um princípio ordenador, diferenciador e transformador. Uma estrutura é uma totalidade dotada de sentido (CHAUÍ, 2000, p. 349).

Ressalta-se que, para o pesquisador estruturalista, os fenômenos observáveis encontram-se relacionados a leis gerais que estão ocultas; não perceptíveis porque inconscientes. O todo se sobrepõe à parte e esta não pode ser explicada se dissociada do todo. O pesquisador estruturalista define elementos estruturadores e estruturantes do objeto de pesquisa. Não admite a perspectiva histórica, mas toma o objeto pelo viés da análise interna, observando as relações que ocorrem variáveis e não variáveis na explicação da estrutura

que está sendo analisada.

### **O Materialismo Histórico-Dialético**

Moacir Gadotti (1990), em seu livro *Concepção Dialética da Educação*, lembra que na Grécia Antiga, a palavra "dialética" revelava um modo de argumentar que consistia em desvelar contradições contidas no raciocínio do adversário, que seria a análise e, dessa forma, negaria a validade da argumentação que seria superada por outra, o que geraria a síntese. E, em se tratando da dialética materialista, é com Marx e Engels que a dialética adquire um estatuto filosófico – o materialismo dialético – e científico – o materialismo histórico.

Segundo Gadotti (1990), Marx substitui o idealismo de Hegel por um realismo materialista:

[...] na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência (GADOTTI, 1990, p. 19).

Ainda de acordo com Gadotti (1990), a dialética em Marx não é apenas um método para se chegar à verdade. Trata-se de uma concepção do homem, da sociedade e da relação homem-mundo.

Para Frigotto (2002), a dialética encontra-se situada no plano da realidade, no caráter histórico e na trama de relações contraditórias e de conflitos. Nesse contexto, o método dialético constitui-se no elemento mediador do processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e a transformação dos fenômenos sociais que ocorrem no interior da sociedade, por meio da crítica ao atual modo de produção e à proposição da superação desse modo pelo entendimento de que o ser humano é um sujeito histórico com potencial para transformar o social. Essa visão se funda no modo humano de produção social da existência e tem suas bases em uma concepção de realidade, de mundo e de vida em um conjunto, com as seguintes categorias básicas: totalidade,

contradição, mediação, ideologia e práxis. Assim, segundo Frigotto (2002), o materialismo histórico-dialético revela uma concepção de mundo de que a realidade é dinâmica e contraditória.

De acordo com Frigotto (2002), a realidade não obedece à lógica do pensamento ou da razão. Ela ocorre de forma não linear. Nesse sentido, é necessário entender que a singularidade, a particularidade e a universalidade se produzem numa mesma totalidade histórica a ser construída no processo de investigação. Assim,

[...] o elemento crucial na análise dialética no campo das ciências sociais e humanas é, pois, a capacidade de apreender a relação entre os elementos estruturais e conjunturais que definem um determinado fato ou fenômeno histórico. O campo estrutural fornece a materialidade de processos históricos de longo prazo e o campo conjuntural indica, no médio e no curto prazo, as maneiras como os grupos, classes ou frações de classe, em síntese, as forças sociais disputam seus interesses e estabelecem relações mediadas por instituições, movimentos e lutas concretas (FRIGOTTO, 2002, p. 27).

Nesse contexto, o próprio pensamento revela-se matéria, pois, para Marx e Engels (2007, p. 93), “[...] a produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens”.

Assim, a produção do conhecimento, enquanto esforço reflexivo de analisar criticamente a realidade e a categoria básica do processo de conscientização, é uma atividade prática social dos sujeitos históricos concretos. Nesse contexto, o método materialista dialético, no processo de construção de conhecimento, reitera a importância do caráter histórico e social da ciência no intuito de trabalhar as contradições que envolvem o objeto.

### **Considerações finais**

Ao final, percebe-se que as reflexões sobre o método caminham *pari passu* ao objeto. Porém, mais um questionamento surge: existe um “método puro?” Quando se estuda os métodos, o que é possível entrever é que, em algum momento, elementos de outros métodos, mesmo que ínfimos, revelam-se comuns. Isso remete esta pesquisadora, com a licença de uma analogia, à teoria de Roman Jakobson (1970) acerca da relatividade das funções da linguagem.

Ou seja, em todo ato de comunicação, as seis funções estão presentes (emotiva, apelativa, referencial, metalinguística, fática e poética). Nenhuma função existe de “forma pura”. No entanto, sempre haverá o predomínio de uma, e que sempre será definido pelo objetivo da comunicação, pela intenção comunicativa que se estabelece entre emissor, receptor, texto, contexto, canal, referente/assunto e mensagem. Por isso, a acuidade exigida do leitor é refinada. É preciso exercício, compreensão e, principalmente, clareza quanto ao objetivo da comunicação – escrita ou falada, visual ou gestual – senão, o processo será interrompido e a função da linguagem perderá o seu objetivo: a comunicação.

Como essa analogia ajudaria a perceber elementos comuns entre os métodos? Por exemplo, a Fenomenologia permite ao pesquisador definir e delimitar objetos das ciências humanas. O Materialismo Histórico-Dialético vem e permite compreender que os fatos humanos estão embrenhados de uma historicidade que poderá favorecer a interpretação racional destes fatos. E lá vem o Estruturalismo que permite uma metodologia que conduz o pesquisador às leis dos fatos humanos. Ou seja, o pesquisador deverá priorizar um método, pois, assim como há uma intenção comunicativa revelada por uma função predominante da linguagem, é o método que irá ajudar o pesquisador a perceber os obstáculos epistemológicos que perpassam o objeto e, assim, tratá-lo cientificamente. Resta ao pesquisador, perscrutar o método que melhor responderá ao objeto de pesquisa, para assim, ciente de que é algo que já tenha sido estudado por outros pesquisadores, pelo método, acrescentar uma outra perspectiva na pesquisa efetuada que poderá compor o pensamento educacional brasileiro por um outro olhar.

## Referências

ARANHA, Maria Lúcia Arrudas; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 2009.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

DEMO, Pedro. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

FRAILE, Guillermo. *Historia de la Filosofía – Grecia y Roma*. Madrid: LA Editorial Católica S.A, 1976.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2002.

GADOTTI, Moacir. A dialética: concepção e método. In: *Concepção Dialética da Educação*. 7 ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990. p. 15-38.

JAKOBSON, Roman. A linguística e suas relações com outras ciências. In: \_\_\_\_\_. *Linguística; poética; cinema*. São Paulo: Perspectiva, 1970. p. 11-64.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 7. ed. Porto Alegre: Vozes, 1985.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Striner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo, 2007.

PAIVA, Wilson Alves de (org.). *Reflexões sobre o método*. Curitiba: CRV, 2017.

SÁNCHEZ GAMBOA, Silvio, *Epistemologia da Pesquisa em Educação*. Campinas, Praxis. 1998.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes; ECHALAR, Adda Daniela Lima Figueiredo. Pesquisa e estudos investigativos na Graduação. In: DUARTE, Aldimar Jacinto; TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. *Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: Contradições e Desafios para a transformação social: Pesquisa e Produção do Conhecimento*. Goiânia: Puc Goiás, 2016. p. 28-34.